

DEPÓSITO LEGAL
- 0. OUT. 1976

O PAÍS

Ano I número 39

Preço: 10\$00

semana de 1
a 7 de Outubro

1976

José Vacondes

Directores

Vera Lagoa

A EQUIPA DE (QUASE) TODOS NÓS!



A Torralta acredita no futuro

(pág. 5)

Esta é a opinião da FLA

(pág. 16)

Ouvindo o governador civil de Beja

(pág. 9)

inquerito sobre os Conselheiros da Revolução

TAL como informámos no nosso último número, apresentaremos na nossa edição de 8 do corrente o resultado do apuramento que está a ser feito através dos cupões que publicámos durante quatro números nas nossas páginas.

Amanhã, dia 2, é a data limite (através do carimbo dos CTT) que aceitamos, para levar em consideração, os boletins que cheguem ao nosso poder. A partir desse período, por dificuldades de conseguir reunir os elementos a tempo de cumprir o prazo estipulado para dar a conhecer aos nossos leitores qual a totalidade das opiniões expressas, os cupões que dêem entrada na nossa Redacção já não serão levados em conta.

Uma vez mais, tal como sempre temos afirmado, deixamos bem expresso que esta nossa iniciativa não tem outro objectivo que não seja o de apurar, através de uma sondagem limitada ao número de respostas recebidas, qual a óptica acerca dos membros do Conselho da Revolução.

Trata-se de um exercício, portanto, perfeitamente enquadrado dentro do espírito democrático que necessita ser, o mais possível, desenvolvido entre nós.

Relações luso-angolanas Será desta?

O CONSELHO da Revolução esteve reunido na quarta-feira em sessão ordinária. Das afirmações do porta-voz habitual, capitão Sousa e Castro, salientamos:

«É uma reunião ordinária em que o Conselho se vai debruçar sobre promoções, nomeação de militares para cargos civis, e, naturalmente, serão definidos critérios para essas nomeações.

«Serão, ainda, apreciadas as coordenadas relativas ao anteprojecto para organização e funcionamento do Conselho e, igualmente, se abordarão questões relacionadas com a cooperação com os novos países de língua portuguesa.»

No final da sessão, um comunicado lacónico frisava que «O Conselho da Revolução decidiu promover, sob proposta do chefe do Estado-Maior da Força Aérea, ao posto de general...» e seguia-se os nomes dos vários brigadeiros e coronéis.

Acerca dos assuntos debatidos nesta reunião, Sousa e Castro adiantou para o nosso Jornal:

«Deverá haver cooperação com os novos países de expressão portuguesa, principalmente com os mais pequenos e com menos possibilidades, os quais venham a ter interesse em mandar os seus futuros oficiais e quadros das suas forças armadas para serem formados em Portugal, nas academias militares.»

No momento em que cerca de cem portugueses se encontram ainda prisioneiros do MPLA e que o ministro dos Negócios Estrangeiros acaba de se encontrar, em Cabo Verde, com o ministro das Relações Exteriores da República Popular de Angola, José Eduardo dos Santos, poderá perfeitamente fazer-se esta pergunta: «Como podem as conversações decorrer num clima de «detente» e sem pressões quando cem prisioneiros se encontram em péssimas condições higiénicas? Por outro lado, não se procurará tirar vantagens políticas como «moeda de troca?»

O País tem, naturalmente, em alto apreço o restabelecimento de um entendimento normal, mas não devemos esquecer que os desagravos sanam por este Portugal fora.

No Conselho da Revolução debateu-se profundamente o problema do reatamento de relações com Angola, nomeadamente, no que respeita a «escolas militares e fornecimento de material», contudo para que as perspectivas sejam boas há que «des»pressionar.

O ministro dos Negócios Estrangeiros afirma que «as relações são agora amistosas, quase normais», mas o Governo de Angola tem de o mostrar num acto de «boa fé», libertando os portugueses presos que mais não foram do que peões numa descolonização de afogadilho.



Medeiros Ferreira



José Eduardo



«Revolucionários» que eu conheci

João de Freitas Branco

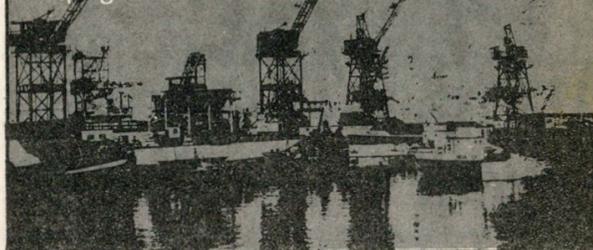
ou um «revolucionário» em «Dó»

(pág. 10)

Marinha mercante portuguesa: Um milhão e 170 mil contos de prejuízos em 1975

- Declarações do secretário de Estado
- CNN pronuncia-se
- Associação dos armadores analisa a crise
- Que futuro para o «Funchal?»
- CTM—Saldo negativo de 640 mil contos
- «Há monopólio russo na nossa marinha mercante»
- Bovinos dos Açores chegam mortos a Lisboa

(págs. 12/13)



Certina-DS o relógio mais forte do mundo



Procura um relógio em que possa confiar em todas as circunstâncias? Visite um Agente Certina e ele lho revelará: o incomparável Certina-DS.

Certina-DS resiste a choques que nenhum outro relógio poderia suportar. A sua «máquina flutuante» — revolucionário sistema de protecção — assegura precisão e resistência notavelmente superiores às normas usuais de controlo.

Certina-DS uma revelação em elegância, precisão e resistência.

corda manual · corda automática
electrónico C-Tronic · electrónico Quartzo

CERTINA



As duas amigas de Pires Veloso

MUITAS vezes o infortúnio traz compensações insuspeitadas. Na cadeia e no hospital é que se conhecem os verdadeiros amigos, diz a sabedoria popular nortenha que nessa coisa de amigos de peito nunca se engana nem erra.

Na verdade, tal aconteceu com o brigadeiro Pires Veloso.

Após ter sido internado no hospital militar, para além das visitas de amizade, de circunstância e da natural solicitude do pessoal médico, o comandante da Região

Militar do Norte conquistou duas verdadeiras dedicações, daquelas que, como por aqui se diz, são para a vida e para a morte.

Trata-se do porteiro Reis, um homem que há dezenas de anos cumpre o seu humilde serviço na portaria do hospital, e do João, o barbeiro. Assim mesmo, sem tirar nem pôr! O porteiro e o barbeiro...

Desde a primeira hora que os dois se votaram, com aquele desinteresse e amizade de que só se encontram nos

continua na pág. 14

«revolucionários» que eu conheci

João de Freitas Branco ou um «revolucionário» em «Dó»

Sempre ao lado dos trabalhadores

Perguntem aos trabalhadores da Companhia de Ópera Portuguesa. Perguntem aos trabalhadores do Teatro Nacional de S. Carlos (um exemplo flagrante, o da telefonista do PBX, que continua sem pertencer ao quadro, sem Caixa, sem protecção alguma, depois dele lhe ter garantido — a ela e a todos os outros —, quando Secretário de Estado, que deles se iria ocupar. Ocupou-se de si próprio, sim, e de que maneira!).

Em 1953

Não sei por onde começar. Talvez pela forma como tratou seu Pai, o maestro Luís de Freitas Branco.

Nesta cidade, neste País, ainda haverá quem se recorde da célebre assembleia geral da Juventude Musical Portuguesa, em que seu Pai foi destituído por processos que lembram terrivelmente os de hoje em dia. Quem se lembra, afirma que o facto se passou com a convicção do próprio filho ou que, pelo menos, este se manteve impávido, não intervindo nem mesmo quando corria perigo a integridade de mestre Freitas Branco. Isto deu lugar a uma famosa polémica entre Joly Braga Santos (que defendia o mestre) e João de Freitas Branco, que atacava o próprio Pai (Cartaz, 1953).

E assim por diante

Para que a leitura seja mais fácil, limitar-me-ei a alguns "flashes". Entre os seus vários cargos, pertenceu à direcção da J.M.P. Não foi assim tão esquiúdo como, por exemplo, no 22.º Congresso Mundial das Juventudes Musicais, que teve lugar em Lisboa, em 1968, dado que além de realizado "Sob o Alto Patrocínio de Sua Excecellência o Presidente da República" tinha na Comissão de Honra aquilo que hoje, em linguagem pouco académica mas peculiar aos "Mutis", se costuma chamar "a fina flor do facho", ou seja, entre outros, o ministro dos Negócios Estrangeiros

da época, França Borges, Sollari Alegro, José Duarte Figueiredo, marquesa de Cadaval, José Serra Formigal, Machado Macedo, etc., etc., etc. Quando se tratava de servir os seus interesses ou os da J.M.P., João de Freitas Branco não olhava aos meios.

Durante longos anos colaborou na R.T.P., numa época, mesmo, em que muitos dos seus colegas se recusavam a fazê-lo. Curioso. Volta à R.T.P. após o 25 de Novembro, segundo a nova programação.

A declaração

Foi colaborador das actividades culturais da FNAT, funcionário da Emissora Nacional e, mais tarde, nomeado director do Teatro Nacional de S. Carlos, lugar vitalício e dependente do Ministério da Educação Nacional. Todos sabem que espécie de declaração era exigida a quem ocupasse cargos semelhantes e não me consta que Freitas Branco, meu triste revolucionário quase póstumo, a não tivesse assinado. Tenho conhecimento de que Lopes Graça, esse, sim, recusou-se sempre. E muitos outros.

As críticas e o que veio depois

Tenho em meu poder variadíssimas críticas feitas por este revolucionário ao Teatro da Trindade, FNAT, Serra Formigal e ao próprio Gonçalves Proença. Delas tiro um só recorte, só um para não se tornar fatigante esta história. Feia.

"As importantes melhorias introduzidas no Teatro vêm confirmar que as directrizes superiores, emanadas pelo sr. professor Gonçalves de Proença, e a sua interpretação e realização pela FNAT e pelo director do Trindade, sr. dr. José Serra Formigal — um right man in the right place — representam uma lúcida consciência daquilo que a população economicamente desfavorecida tem o direito de usufruir através da cultura em geral, da arte em particular, bem como a capacidade em pôr as ideias em prática de maneira eficiente e sistematizada. Eis uma obra que se impõe prosseguir sem uma quebra de entu-



UMA das características mais notáveis deste neo-revolucionário é que, ao contrário dos outros que por aqui têm passado e que, mais ou menos, já tinham tomado atitudes esquerdistas (algumas duvidosas, bem sei), este, como ia dizendo, surgiu subitamente com o 25 de Abril. Tão rapidamente que até ele próprio se devia ter admirado.

Quem nos diria que o mesmo homem que aparece (tão feliz) a receber uma condecoração das mãos de Américo Tomaz, seria o mesmo que numa célebre sessão dos "Muti" tomou a presidência e declarou: "Nós, intelectuais, estamos sempre, sempre, ao lado dos soldados e marinheiros"? Quem diria? Nunca tínhamos dado por isso e já oportunamente o escrevemos. Mas tratava-se dum pequeno apontamento. Temos de o desenvolver.

siasmo" — "Século" 29/4/67.

Curioso que depois, como director de S. Carlos, não tenha mexido um dedo em defesa dos trabalhadores da Companhia Portuguesa de Ópera, nem mais tarde, depois do 25 de Abril, quando detinha o poder, tivesse feito alguma coisa para salvar essa companhia nem o seu director Serra Formigal.

O primo

Nada tenho (côncepo "pouquíssimo") contra o primo de Freitas Branco, actual director de S. Carlos. O que sei é que é seu primo e foi por ele indicado. Então, os lugares, quando deixam de ser vitalícios (por promoção do beneficiado) passam a ser hereditários?

O almoço

O 25 de Abril foi, de facto, uma surpresa para o revolucionário Freitas Branco. Daí o seu almoço, em vésperas daquela data, com o almirante Tenreiro, na Docapesca.

Orgulho do pai vergonha da mãe

Quem tiver a oportunidade de folhear o catálogo da Exposição Comemorativa de Luís Freitas Branco na Fundação Gulbenkian, verificará que o mesmo catálogo, da responsabilidade de João de Freitas Branco, na parte em que se refere à

sua própria filiação, esquece o nome de sua Mãe, ficando o público convencido de que era filho de mulher legítima. Isso dá uma prova do seu carácter. Não tinha de que se envergonhar, porque sua Mãe era uma mulher digníssima.

Fez sobre o Pai uma conferência na Gulbenkian em que se demorou largamente na descrição da linguagem aristocrática do Pai (isto para um comunista...) e, como de costume, não falou na Mãe.

O amor aos assinantes

Assim que tirou o "smoking" para mostrar as suas ideias proletárias, acabou com as assinaturas em S. Carlos. Isto depois de ter adulado durante anos os assinantes, oferecendo-lhes "cocktails", etc.

Os serviços de protocolo

Devem estes lembrar-se dos trabalhos que tinham com a sua actual Mulher (post 25 de Abril) quando ela, antigamente, atropelava tudo e todos para estar à chegada e partida, em S. Carlos, de Américo Tomaz e de sua Mulher, D. Gertrudes. A sua situação dispensava-a de estar presente, mas era uma mulher muito dedicada às autoridades vigentes...

O amigo

Era Freitas Branco amigo íntimo de José de Figueiredo, mais conhecido por "Figueirinhas", ao tempo director de São Carlos, lugar que João invejava. Quando Pires de Lima era ministro da Educação quis correr com Figueiredo para no seu lugar pôr o próprio Freitas Branco ou outro seu amigo, o Silva Passos.

Como Salazar gostava de José de Figueiredo, só havia uma maneira. Era provar que havia "coisas de dinheiro". Vai então Freitas Branco ao estrangeiro com a incumbência de se informar se o que o Teatro de São Carlos pagava aos cantores italianos correspondia ao que constava das contas.

Isto fez ele ao seu grade amigo. Sempre ao lado dos amigos. Claro, e dos soldados e marinheiros, evidentemente.

A morte do pai

Quando morreu seu Pai, a sua atitude (dele, filho) para com certa Senhora a quem o Pai estava ligado, foi de tal forma vergonhosa que a história correu pela cidade inteira. Omito a descrição escandalosa, para não

magoar a Senhora em questão, pessoa que muito admiro.

O gosto pela... moda

Naquele casamento, em que foi padrinho Vasco Gonçalves, os noivos seguiram em viagem de núpcias (após vinte anos) para o Norte

(Para que o filho, dizem, não estranhasse dormiram juntos...)

e tiveram de parar em Rio Maior, porque havia barricadas, a Senhora (comunista) de Freitas Branco fez três vestidos. Um para o registo, outro para o almoço e outro para a tal viagem.

Como se vê, ambos estão sempre, sempre, ao lado do Povo trabalhador, soldados e marinheiros. Livra! Ainda bem que não sou soldado nem marinheiro. Limito-me a trabalhar e pouco porque os bombistas (quem teria sido?) não me digam que foram as direitas?) me arruinaram o coração

Ao lado de Freitas Branco, NÃO. É um pobre homem, um oportunista, que me faz DÓ.

Vera Lagoa

CORRECÇÃO

Não posso deixar de corrigir o ante-penúltimo parágrafo da história de Luís de Sttau Monteiro, "O adorável mentiroso", publicado no número deste Jornal em 24 de Setembro. As gralhas abundaram em todo o artigo, mas muito especialmente esta, que corrijo. Em vez do que lá está escrito, deve ler-se:

"E o teu camaradão Cardoso Pires gostaria de saber que tu trocavas dele loucamente, dizendo que o seu sonho era ter uma casa como tu, em Loures, e que quando ele falava a uma condessa que tu lhe tinhas apresentado, dizia "Senhora D. Condessa"?"

Também no final, em vez de se ler "admiráveis mentirosos como tu", é evidente que eu escrevi: "adoráveis mentirosos como tu".

No próximo número

Uma carta de Luís Sttau Monteiro sobre os «revolucionários»

Um caso de que nos envergonhamos

TIVEMOS conhecimento de que foram apreendidos 1590 exemplares do n.º 24 do Jornal "A Rua", nas instalações da distribuidora DIG. A apreensão foi feita mediante um mandato assinado pelo dr. Arlindo Ferreira Lopes de Almeida, Juiz do 1.º Juízo de Instrução Criminal de Lisboa. O processo a que se refere a apreensão é o n.º 19.329/76, da Polícia Judiciária — 4.ª Secção (agente Parente).

A notícia é seca. E lamentável. Instaura-se um processo a um Jornal de direita porque critica um Ministro. Ou porque critica um Governo. Não concordamos. E ficamos à espera que se instaure um processo aos jornais de extrema esquerda que todos os dias criticam certos ministros.

Concordamos ainda menos com os métodos policiais de apreensão, métodos que julgávamos esquecidos na Democracia portuguesa. Não nos devíamos admirar visto que foi em plena Democracia portuguesa que foi suspenso, arbitrariamente,

pelo Conselho da Revolução, o Jornal "O Diabo", suspensão essa que até hoje não foi levantada, embora a sua directora, que também assina esta nota, já tivesse sido julgada.

Não temos os mesmos ideais políticos de "A Rua". Mas não podemos deixar de protestar veementemente e magoadamente contra a atitude de que foi vítima. O mesmo fazíamos, democraticamente, se amanhã semelhante medida fosse aplicada ao "Diário", cuja linha política, como é por demais sabido, também não seguimos.

Esta posição que tomamos — e que sempre tomaremos em circunstâncias idênticas — marca, única e exclusivamente, o espírito do nosso Jornal e de quem o dirige: a defesa intransigente dos ideais democráticos e a aceitação da existência (e bora sem a nossa concordância política) de jornais de extrema-direita ou de extrema-esquerda.

Vera Lagoa — José Vacondeus

GDUP's assinalaram o 28 de Setembro

PARA assinalar a data do "28 de Setembro" os "GDUP's" (Grupos Dinamizadores de Unidade Popular) levaram a efeito, na passada terça-feira, várias manifestações-comícios em diversos pontos do País.

No que respeita à capital, cerca de 5000 mil manifestantes concentraram-se, ao fim da tarde, na praça do Comércio, que se encontrava às escuras, tendo daí desfilado até junto ao Palácio de S. Bento, onde decorreu um comício. Usaram da palavra vários oradores, entre eles Luís Moita, da Comissão Nacional Provisória de Unidade Popular. Disse, a terminar a sua alocução: "O

"28 de Setembro" não é uma comemoração histórica, mas um combate do dia a dia contra a ameaça a que o Povo continua sujeito — o fascismo".

Depois de ter sido aprovada uma moção de solidariedade para com o Povo espanhol e evocação da morte de cinco lutadores antifascistas, os manifestantes dispersaram, entoando, "Grândola Vila Morena".

As conclusões a tirar deste acontecimento serão certamente ponderadas, não pela luta antifascista em si, mas pela oportunidade e pelas conseqüências da manifestação.

QUANDO FOR AO PORTO

QUEM

LHE GARANTE UMA BOA ESTADIA NO

PORTO-ATLÂNTICO HOTEL? (residencial) *****



UMA EQUIPA DE PROFISSIONAIS ESPECIALMENTE PREPARADOS PARA LHE ASSEGURAR A MÁXIMA COMODIDADE.

PORTO-ATLÂNTICO HOTEL (residencial) *****

RUA AFONSO LOPES VIEIRA, 66

TELEF. 694941/9 - PORTO

Kaúlza de Arriaga GENERAL



A CONJUNTURA NACIONAL E A NINHA POSIÇÃO PERANTE O MOMENTO POLÍTICO PORTUGUÊS

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

DIG DISTRIBUIDORA DE INFORMAÇÃO GERAL, LDA R. DAS CHAGAS 2 • LISBOA 2 • TELS. 36.91.08 36.97.69